



A Santa Sé

VIAGEM APOSTÓLICA DO PAPA JOÃO PAULO II À POLÓNIA

(16-23 DE JUNHO DE 1983)

**SOLENE CONCELEBRAÇÃO NA «CIDADE IMACULADA»
FUNDADA POR SÃO MAXIMILIANO MARIA KOLBE**

HOMILIA DO SANTO PADRE

Esplanada da Basílica da Imaculada

Niepokalanów, 18 de Junho de 1983

1. Senhores Cardeais, Arcebispos, Bispos, Sacerdotes, Religiosos e Religiosas, vós especialmente, Filhos e Filhas de São Francisco, e vós todos, dilectos Compatriotas, Irmãos e Irmãs!

No dia 10 de Outubro do ano passado foi-me dado *eleva*r às honras aos altares da Igreja Universal o *santo Maximiliano* Maria Kolbe, filho da Terra polaca.

Foi, aquela, uma canonização insólita. A ela vieram também Polacos, da Polónia e da emigração, em número bastante elevado. Mas constituíam apenas a minoria daquela *grande multidão de peregrinos*, que naquele domingo enchia a Praça de São Pedro. Certamente vinham de Roma e de toda a Itália, mas também em número apreciável da Alemanha e dos outros Países da Europa, como ainda de outros Continentes, em particular do Japão, que uniu perenemente o seu coração ao Cavaleiro da Imaculada. Advertia-se claramente que a proclamação como santo, por parte da Igreja, do Padre Maximiliano atingia um ponto nevrálgico da *sensibilidade do homem dos nossos tempos*. Portanto, foi comum a expectativa de tal canonização, e a participação confirmou a expectativa mesma.

Reflectindo sobre os motivos, pode-se afirmar que Maximiliano Kolbe, mediante a sua morte no campo de concentração, na "cela da fome", confirmou de modo particularmente eloquente o

drama da humanidade do século XX. Todavia, o motivo mais profundo e mais consonante parece ser o facto que neste sacerdote-mártir tornou-se particularmente *transparente a verdade central do Evangelho*: a verdade acerca da força do amor.

2. "Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a sua vida pelos seus amigos" (*Jo. 15, 13*): di-lo Jesus, ao despedir-se dos apóstolos no cenáculo, antes de ir para a paixão e a morte. "Nós sabemos que passámos da morte para a vida, porque amamos os irmãos", repetirá depois o seu Mestre *João o apóstolo* na sua primeira Epístola (3, 14). E concluirá: "Nisto conhecemos a caridade: *Ele (Jesus) deu a Sua vida por nós*, e nós devemos dar a vida pelos nossos irmãos" (*ibid. v. 16*).

Exactamente esta verdade do Evangelho torna-se transparente de modo particular, mediante o acto realizado em Oswiecim pelo Padre Maximiliano Kolbe. Pode-se dizer que o modelo mais perfeito que nos deixou o Redentor do mundo, foi *assumido* naquele acto com *um heroísmo* total e também com uma enorme *simplicidade*. O Padre Maximiliano sai da fila, para ser aceite como um candidato à "cela da fome", em lugar de Franciszek Gajowniczek: toma a decisão, na qual se manifesta ao mesmo tempo a maturidade do seu amor e a força do Espírito Santo, e põe em acto esta *decisão evangélica* até ao fundo: dá a vida por um irmão.

Isto acontece no campo da morte, num lugar onde sofreram a morte mais de quatro milhões de pessoas de diversas nações, línguas, religiões e raças. Também Maximiliano Kolbe sofreu a morte: no fim, foi-lhe dado o golpe de clemência com uma injeção mortal. Todavia, nesta morte manifestou-se ao mesmo tempo a *vitória espiritual sobre a morte*, semelhante à que se verificou no Calvário. E portanto ele "não sofreu" a morte, mas "*deu a vida*" — por um irmão. Nisto está a vitória moral sobre a morte. "Dar a vida por um irmão" quer dizer tornar-se, de algum modo, ministro da própria morte.

3. Maximiliano Kolbe era um *ministro*: era, de facto, um sacerdote filho de São Francisco. Todos os dias celebrava de modo sacramental o mistério da morte redentora de Cristo na Cruz. Frequentemente repetia estas palavras do Salmo, recordadas na liturgia de hoje:

"Que poderei retribuir ao Senhor / Por todos os benefícios que me tem feito? / Tomarei o cálice da salvação / E invocarei o nome do Senhor" (*Sl. 115/116, 12-13*).

É assim. Todos os dias tomava o cálice da nova e eterna Aliança, no qual, sob a espécie do vinho, o Sangue do Redentor é sacramentalmente "derramado" pela remissão dos pecados. Com o mistério do Cálice eucarístico maturava nele *aquela hora da decisão em Oswiecim*: "Não beberei Eu o cálice que Meu Pai Me deu?" (*Jo. 18, 11*). E bebeu, bebeu este cálice até ao fim, para testemunhar diante do mundo que *o amor é mais forte do que a morte*. O mundo tem necessidade deste testemunho, para se desprender dos laços daquela civilização da morte que, de modo especial nalguns momentos da época presente, mostra o seu rosto ameaçador.

4. No acontecimento de Oswiecim está inscrito *aquele diálogo fundamental*, que permite ao homem superar o horror da civilização da morte, e quotidianamente lhe permite superar os diversos pesos da tempo-raneidade. E este é o *diálogo do homem com Deus*:

"Que poderei retribuir ao Senhor?... / Sou, Senhor, Vosso servo, / Vosso servo e filho da Vossa serva" (Sl. 115/116, 12.16).

Assim diz o homem, ministro da Eucaristia quotidiana, o homem ministro da própria morte no campo de Oswiecim. Assim diz o homem. Esta é uma palavra que resume toda a sua vida.

E Deus responde com as palavras do Livro da Sabedoria. Eis as palavras que encerram a resposta de Deus:

"Mas as almas dos justos estão na mão de Deus, e nenhum tormento os tocará... Porque Deus, que os provou, achou-os dignos de Si. Ele os provou como ouro na fornalha e aceitou-os como holocausto" (Sab. 3, 1.5-6).

É verdadeiramente assim? Verdadeiramente "nenhum tormento tocou" o Padre Maximiliano? O homem que veneramos precisamente como mártir?

A realidade da morte por martírio é sempre um tormento; porém, o segredo daquela morte é o facto *que Deus é maior do que o tormento*. Grande é a prova do sofrimento, aquele "provar como ouro na fornalha"; porém, mais forte do que a prova é o amor, ou seja, *mais forte é a graça*. "O amor de Deus foi derramado em nossos corações, pelo Espírito Santo, que nos foi concedido" (Rom. 5, 5).

Assim, por conseguinte, está diante de nós um mártir: Maximiliano Kolbe — ministro da própria morte — forte no seu tormento, ainda mais forte no seu amor, ao qual foi fiel, *no qual cresceu* durante toda a sua vida, no qual maturou no campo de Oswiecim. Maximiliano Kolbe: uma singular testemunha da vitória de Cristo sobre a morte. Uma singular *testemunha da Ressurreição*.

5. "Sou, Senhor, Vosso servo / Vosso servo e *filho da Vossa serva*..."

Aquela maturação no amor, que encheu toda a vida do Padre Maximiliano e se realizou em terra polaca definitivamente mediante o acto de Oswiecim, aquela maturação esteve de modo especial unida à *imaculada Serva do Senhor*.

Ele foi, como poucos, *filho* espiritual "da Vossa serva". Experimentou desde os primeiros anos da juventude a sua *maternidade espiritual*: isto é, a maternidade que se estabeleceu no Calvário, aos pés da Cruz de Cristo, quando Maria aceitou como filho o primeiro discípulo de Cristo.

Maximiliano Kolbe como poucos *estava penetrado pelo mistério da divina eleição de Maria*. O seu coração e o seu pensamento concentraram-se em medida particular sobre aquele "novo início", que foi na história da humanidade — por obra do Redentor — a *Imaculada Conceição* da Mãe da sua encarnação terrena. "O que significa Mãe — escrevia — sabemos-lo, mas Mãe de Deus não o podemos compreender com o intelecto, com a mente limitada. Só Deus mesmo compreende perfeitamente o que significa 'Imaculada'... A Imaculada Conceição está repleta de mistérios consoladores" (M. Kolbe, *Carta de 12 de Abril de 1933*).

Maximiliano Kolbe penetrou neste mistério de modo particularmente profundo, particularmente sintético: não em abstracto: mas *através do Vivo contexto de Deus-Trindade*, Deus que é o Pai, o Filho e o Espírito Santo, e através do vivo contexto dos desígnios salvíficos de Deus a respeito do mundo. Eis, de novo, as suas palavras: "Procuremos cada vez mais, cada dia mais aproximar-nos da Imaculada; deste modo aproximar-nos-emos cada vez mais do Sacratíssimo Coração de Jesus, de Deus Pai, de toda a Santíssima Trindade, porque nenhuma criatura está tão perto de Deus como a Imaculada. Deste modo aproximaremos também todos os que estão próximo do nosso coração à Imaculada e ao Bom Deus" (M. Kolbe, *Carta de Nagasaki, 6 de Abril de 1934*).

Todas as iniciativas apostólicas do Padre Maximiliano Kolbe testemunham que o mistério da Imaculada Conceição *estava no centro da sua consciência*. Disto dão testemunho quer a "Milícia da Imaculada" quer o "Cavaleiro da Imaculada". Isto testemunha-o a "Cidade da Imaculada" (Mugenzoi no Sono) japonesa. Isto, por fim, testemunha-o esta nossa "Niepokalanów" polaca.

6. É bom que nos tenhamos reunido precisamente aqui depois da canonização do Padre Maximiliano. Anteriormente, depois da sua beatificação, uma nossa grande *assembleia na terra natal* realizou-se em Oswiecim: foi uma cerimónia emocionante, Oswiecim é, de facto, o lugar onde ele "deu a vida por um irmão". Hoje estamos aqui em Niepokalanów, e Niepokalanów fala-nos da descoberta do "novo início" da humanidade de Deus. Niepokalanów é o lugar onde, em continua obediência ao Espírito de Verdade, a exemplo da Imaculada, o homem se formava a si mesmo dia a dia, de modo que o *santo superasse o homem* não só em função da vida e do apostolado, mas também em função de uma morte de mártir "pelo irmão".

7. Sei que nesta assembleia de hoje participam numerosos representantes do campo, agricultores polacos.

Estão aqui presentes — segundo fui informado — os membros das "comunidades pastorais dos agricultores que trabalham para o renovamento do campo em união com a Igreja". Alguns de vós visitaram-me, durante a minha doença, na policlínica "Gemelli" em Roma; hoje encontramos-nos na oração nesta terra de Francisco e de Maximiliano.

Sei que vos anima a preocupação do renovamento das melhores tradições culturais do campo, da vida cristã no amor recíproco, da perfeição mediante a oração comum; sei que formais círculos

para vos ajudardes mutuamente; participais nos exercícios espirituais; completais a vossa instrução; estudaís a doutrina social da Igreja. Desejais deste modo descobrir de novo a vossa particular missão; ao trabalho dos campos quereis restituir a dignidade que lhe é própria e nas fadigas deste trabalho encontraís a alegria.

Permiti que vos dirija as palavras de um grande estadista, representante dos campos polacos. Vicente Witos:

"O agricultor conservou nos piores momentos a terra, a religião, a nacionalidade. Estes três valores deram a base para a criação do Estado. Sem eles não poderíamos tê-lo. Onde o agricultor pôs os pés, ali manteve-se o fundamento do futuro renascimento" (Congresso em Wierzchoslawice, 1928).

Permanecei no amor de Deus!

Cristo, que se denominou a Si mesmo a videira verdadeira, d'Ele, de Seu Pai, disse que é o agricultor. Permanecei em Cristo e dai muito fruto, n'Ele tudo podemos (cf. *Jo.* 15, 1-15).

Sede a cultura de Deus!

E permanecei no amor da vossa terra; desta terra mãe e nutrice.

O Criador confiou de modo particular a vós, todas as ervas com semente que existem à superfície da terra, e todas as árvores de fruto, que produzem semente, para que sirvam de alimento para todos (cf. *Gén.* 1, 29).

Esta terra produz "espinhos e cardos", mas graças ao vosso trabalho deve produzir o alimento, dar o pão para o homem. Esta é uma particular fonte da dignidade do trabalho do campo, da vossa dignidade.

8. Esta nossa hodierna assembleia em Niepokalanów evoca à minha memória as *categorias históricas*.

Uma vez, no século treze, em 1253, os Polacos chegaram à canonização do primeiro filho da sua terra, que foi também pastor da Sé de Cracóvia. A canonização de *Santo Estanislau* efectuou-se em Assis: os compatriotas, porém, e em particular os Príncipes da dinastia dos Piastas, que então governavam a Polónia, sentiram a necessidade de *se reunirem em Cracóvia* para experimentar na própria terra a alegria pascal da elevação de um seu Compatriota à glória dos altares da igreja universal: a alegria do nascimento de um Santo para a sua terra natal. Viram nele *um sinal da Providência divina* para esta terra. Viram nele o seu padroeiro e mediador junto de Deus. Ligaram a ele as esperanças por um futuro melhor da pátria, que então se encontrava em situação difícil

em consequência da divisão em ducados. Da lenda que dizia que o corpo de Estanislau, desmembrado durante a morte, havia de recompor-se, nasceu a esperança de que a Polónia dos Piastas um dia haveria de *superar a dinástica divisão em ducados* e teria voltado, como estado, à unidade. A continuação da história, a partir de Ladisláu o Breve, confirmou esta esperança.

9. Hoje em Niepokalanów, no centro da nossa celebração na terra natal — depois da canonização — está São Maximiliano Maria Kolbe: o primeiro santo da estirpe dos Polacos *no início do segundo Milénio*. O primeiro e o segundo Milénio da Polónia e do Cristianismo na Polónia encontram-se *num símbolo profundo*. O padroeiro da Polónia de então é o padroeiro... só da Polónia? Não o é antes de todo o nosso difícil século? Sim, mas por ser um filho desta terra, que participou das suas provas, dos seus sofrimentos e das suas esperanças; portanto, de certo modo, particular é o Padroeiro da Polónia.

Precisamente desta Polónia, que desde o final do século XVIII começou a ser condenada à morte: às partições, às deportações, aos campos de concentração, às celas da fome. E quando, depois de 120 anos, tinha voltado ao estado de independência esperou-se o ano de 1939 para repetir mais uma vez esta condenação à morte. De facto, precisamente do centro *destas lutas entre a vida e a morte da pátria* surge a obra de São Maximiliano em Oswiècim. *Mors et vita duello conflixere mirando* ("duelam forte e mais forte: é a vida que enfrenta a morte"), como lemos na Sequência pascal. O filho da terra polaca, que morreu no seu Calvário, na cela da morte por fome, "dando a vida por um irmão", retorna a nós na glória da santidade. *O amor é mais forte do que a morte*.

Nasceu outrora, no medievo, a lenda de Santo Estanislau. Os nossos tempos, o nosso século não criarão a lenda de São Maximiliano. É bastante forte a *eloquência dos simples factos*, isto é o testemunho da vida e do martírio. É necessário assumir a eloquência destes factos quase contemporâneos na vida polaca. É necessário construir a partir deles o futuro do homem, da família, da nação.

Que significa dizer que o amor é mais forte do que a morte? Significa também: "*Não te deixes vencer pelo mal; vence antes o mal com o bem*", segundo as palavras de São Paulo (*Rom. 12, 21*). Estas palavras traduzem a verdade sobre o acto, realizado em Oswiècim pelo Padre Maximiliano, em diversas dimensões: na dimensão da vida quotidiana e também na dimensão da época, na dimensão do difícil momento histórico, na dimensão do século XX, e talvez também na dos tempos que hão-de vir.

11. Reunidos em Niepokalanów para o grande agradecimento nacional depois da elevação à glória dos altares de São Maximiliano Maria — o nosso compatriota, a testemunha do nosso difícil século, o mártir, o primeiro santo da estirpe dos Polacos no segundo Milénio —, nós desejamos enriquecer a herança cristã polaca com a emocionante eloquência do acto por ele realizado em Oswiècim: "*Não te deixes vencer pelo mal; mas vence antes o mal com o bem*".

É um programa evangélico:

Um programa difícil mas possível.

Um programa indispensável.

Dirigindo-me daqui em peregrinação para Jasna Góra, pedirei à Rainha da Polónia e Mãe de todos os Polacos, nos alcance, a exemplo de São Maximiliano, a *força de espírito* necessária para empreender este programa. A fim de podermos integrar na herança espiritual polaca a eloquência da vida e da morte do Cavaleiro da Imaculada. Assim seja.